

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

3º BIMESTRE

AUTORIA

ALINE DE AZEREDO LAVERSVEILER GUEDES

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

O texto a seguir é um recorte do romance “Capitães da Areia”, do escritor Jorge Amado. Nesta parte, que dá sequência ao desenvolvimento da narrativa, o leitor é apresentado a dois novos personagens, Dora e Zé Fuinha. Neste mesmo trecho o leitor descobre o motivo pelo qual a personagem de Dora passa a fazer parte do grupo dos Capitães da Areia.

Filha de Bexiguento

A música já recomeçara no morro. Os malandros voltavam a tocar violão, a cantar modinhas, a inventar sambas que depois vendiam aos sambistas célebres da cidade.

Na venda de Deoclécio novamente ficava um grupo todas as tardes. Durante algum tempo tudo cessara no morro para dar lugar ao choro e lamentações das mulheres e crianças.

Os homens passavam de cabeça baixa para as suas casas ou para o trabalho. E os caixões negros de adultos, os caixões brancos de virgens, os pequenos caixões de crianças desciam as ásperas ladeiras do morro para o cemitério distante. Isso quando não eram sacos que desciam com os variolosos ainda vivos que eram levados para o lazareto.

A família chorava como choraria a um morto, pela certeza de que eles não voltariam jamais. Nem a música de um violão. Nem a voz cheia de um negro cortava então a tristeza do morro. Só a reza das sentinelas, o choro convulsivo das mulheres.

Assim estava o morro quando Estêvão foi levado para o lazareto. Não voltou, certa tarde Margarida soube que ele morreria por lá. Nesta tarde ela já estava com febre.

Mas o alastrim parecia ser dos mais mansos no corpo da lavadeira e ela escondeu de todos a notícia, conseguiu não ser metida num saco. Aos poucos foi melhorando. Os dois filhos andavam pela casa, fazendo o que ela mandava. Zé Fuinha era um bocado inútil, ainda não sabia fazer nada, com seus seis anos. Mas Dora tinha treze para quatorze anos, os seios já haviam começado a surgir sob o vestido, parecia uma mulherzinha, muito séria, a buscar

os remédios para a mãe, a tratar dela. Margarida melhorou quando já os violões começavam a tocar no morro, porque a epidemia de varíola tinha se acabado. A música voltou a dominar as noites do morro e Margarida, se bem ainda não estivesse completamente boa, foi à casa de algumas de suas freguesas em busca de roupa.

Voltou com a trouxa nas costas, se atirou para a fonte. Trabalhou o dia todo, sob o sol e a chuva que caiu pela tarde. No outro dia não voltou ao trabalho porque recaiu do alastrim e a recaída é sempre terrível. Dois dias depois descia do morro o último caixão feito pela varíola. Dora não soluçava. Corriam as lágrimas pelo seu rosto, mas enquanto o caixão descia ela pensava era em Zé Fuinha, que pedia o que comer. O irmãozinho chorava de dor e de fome. Era muito menino para compreender que tinha ficado sem ninguém na imensidão da cidade.

Os vizinhos deram jantar aos órfãos nesta tarde. No outro dia pela manhã o árabe que era dono dos barracões do morro mandou derramar álcool no de Margarida para desinfetar. E logo o alugou, pois era um barracão bem situado, bem no alto da ladeira. E enquanto os vizinhos discutiam o problema dos órfãos, Dora tomou o irmão pela mão e desceu para a cidade. Não se despediu de ninguém, era como uma fuga. Zé Fuinha ia sem saber para onde, arrastado pela irmã. Dora marchava tranqüila. Na cidade havia de encontrar quem lhes desse de comer, quem pelo menos tomasse conta de seu irmão. Ela arranjará um emprego de copeira numa casa. Ainda era uma menina, mas havia muitas casas que preferiam mesmo uma menina porque o ordenado era menor. Sua mãe certa vez falara em a empregar de copeira na casa de uma freguesa. Dora sabia onde era e se dirigiu para lá. O morro, a música dos violões, o samba que um negro cantava ficaram para trás. Os pés descalços de Dora se queimam no asfalto ardente. Zé Fuinha vai alegre, vendo a cidade para ele desconhecida, os bondes que passam repleto, as marinetes que buzina, a multidão que corta as ruas.

Dora fora com Margarida certa vez à casa desta freguesa. É na Barra, elas tinham ido num bonde bagageiro, levando a trouxa de roupa lavada. A dona da casa fizera festa a

Dora, perguntara se ela queria vir trabalhar ali. Margarida ficara de trazê-la quando ela estivesse mais crescida. Era para lá que Dora pensava ir. E perguntando a um e a outro tomou o caminho da Barra. A caminhada era grande, o sol no asfalto queimava seus pés sem sapato. Zé Fuinha começou a pedir de comer e a se queixar do cansaço. Dora o acalentou com promessas e seguiram. Mas no Campo Grande Zé Fuinha não pôde mais. A caminhada era demasiada para ele, para os seus seis anos. Então Dora entrou numa padaria, trocou os únicos quinhentos réis que possuía, comprou dois pães dormidos, deixou Zé Fuinha sentado num banco com os pães: - Tu come e me espera, tá ouvindo? Eu vou ali, volto já. Mas não vá sair daqui, senão você se perde...

Zé Fuinha prometeu com uma cara muito séria, dando dentadas nos pães duros.

Ela o beijou e seguiu.

(AMADO, Jorge. Capitães da Areia, p. 145-146)

ATIVIDADE DE LEITURA

Questão 2

No excerto abaixo, o narrador traça um contraponto entre os personagens Zé Fuinha e Dora.

“Zé Fuinha era um bocado inútil, ainda não sabia fazer nada, com seus seis anos. Mas Dora tinha treze para quatorze anos, os seios já haviam começado a surgir sob o vestido, parecia uma mulherzinha, muito séria, a buscar os remédios para a mãe, a tratar dela.”

Enquanto o primeiro tem a imaturidade da infância, com seus seis anos, a outra, também criança, entre treze e quatorze anos, vê-se obrigada a tratar da mãe doente. Para caracterizar melhor a personagem de Dora, o narrador utiliza o termo “mulherzinha”. Podemos afirmar que o sentido desse termo foi pejorativo/ negativo no contexto acima? Explique sua resposta.

Habilidade trabalhada

Identificar e diferenciar características físicas e psicológicas dos personagens.

Resposta Comentada

Depois de ler o texto o aluno perceberá, através do contexto, que o uso do termo “mulherzinha” não foi utilizado pejorativamente, ao contrário disso, o narrador utiliza o termo para expressar a transição física pela qual a própria personagem estava passando, isto é, uma criança que antes de entrar no período da adolescência passa por algumas mudanças físicas (“*os seios já haviam começado a surgir sob o vestido*”). Ao trabalhar a questão em sala, o professor pode chamar atenção para a importância do contexto no sentido de que, através deste recurso, o leitor de um texto possa fazer inferências sobre a intenção comunicativa do narrador.

Questão 3

“Os pés descalços de Dora se queimam no asfalto ardente. Zé Fuinha vai alegre, vendo a cidade para ele desconhecida, os bondes que passam repleto, as marinetes que buzizam, a multidão que corta as ruas.”

Durante o processo de leitura, certamente, poderemos nos deparar com termos ou expressões que desconhecemos, o que não impede, entretanto, a compreensão do texto como um todo. Desse modo, o termo destacado acima pode ser substituído, sem prejuízo de sentido, por:

- a) Barco
- b) Bicicleta
- c) Ônibus
- d) Triciclo
- e) Trem

Habilidade trabalhada

Inferir o significado de palavras desconhecidas a partir do contexto em que são usadas.

Resposta Comentada

Acredita-se que o aluno não terá dificuldade para responder tal questão, assinalando a alternativa C, sobretudo, pelo contexto em que a palavra “marionete” foi inserida (“*as marinetes que buzina*”). Neste caso, o verbo “buzinar”, oferece uma pista para que o aluno se antecipe sobre o significado do termo.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

Questão 4

“Na cidade havia de encontrar quem lhes desse de comer, quem pelo menos tomasse conta de seu irmão. Ela arranjaria um emprego de copeira numa casa.”

Dependendo do tempo verbal utilizado, o autor de um texto pode alcançar diferentes efeitos de sentido. Identifique o sentido do tempo verbal destacado e reescreva a oração utilizando-se de outro tempo verbal, onde haja ideia de **certeza**.

Habilidade trabalhada

Observar nexos lógicos no texto, empregando adequadamente os tempos e modos verbais.

Resposta Comentada

O sentido do tempo verbal “arranjaria” encerra ideia de um fato incerto, uma possibilidade, uma situação hipotética. Para reescrever a oração utilizando-se de outro tempo

verbal com ideia de certeza, o aluno deve recorrer ao futuro de presente: *“Ela arranjará um emprego”*. Nesta questão, o professor poderá aproveitar o ensejo para fazer a distinção primordial entre os dois tempos futuros do indicativo: o futuro do presente e o futuro do pretérito, o primeiro utilizado para a projeção de um futuro certo e o segundo utilizado para a projeção de um futuro incerto em relação ao ato de fala.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Questão 7

Nesse momento você e seus colegas se reunirão em grupos de 4 a 5 alunos para construir coletivamente outro desfecho para os personagens Dora e Zé Fuinha. Imagine como poderia ser a história, se Dora e Zé Fuinha não tivessem encontrado os Capitães da Areia.

Cada aluno do grupo ficará responsável por cada elemento do texto narrativo:

- personagens (Se for preciso, crie novos personagens)
- espaço (onde ocorre sua história?)
- tempo
- conflito
- foco narrativo (3ª pessoa)

Habilidade trabalhada

Produzir coletivamente um texto narrativo cuja estrutura se aproxime do romance.

Resposta Comentada

Acredita-se que a elaboração dessa atividade não trará tantas dificuldades para os alunos, devido à sua grande capacidade inventiva. Caberá, entretanto, a orientação do professor durante toda a atividade. São aspectos relevantes para a avaliação dessa produção:

- observar se os elementos do enredo foram construídos de modo a aproximar-se do gênero romance;
- perceber se não houve mescla dos focos narrativos;
- observar a adequação dos discursos direto e indireto;
- observar se os grupos conseguiram relacionar de modo lógico as partes do texto-enredo, fazendo uso dos marcadores verbais e conjuntivos.